

**Hélia Coelho Mello Cunha**

*Professora de Língua Portuguesa do CEFET Campos*

Questionam-se, atualmente, as causas do fracasso escolar e, na maioria das vezes, jogamos a culpa nos alunos. Poucos refletem sobre a prática escolar. A educação peca pelos paradigmas de tempo e quantidade de conteúdos, por isso a escola é uma fábrica de desanimados.

Escolarizar-se, entrar no sistema escolar e viver a adolescência são operações difíceis de conciliar. Entrar na escola hoje é dar adeus a tudo o que é atraente no mundo.

No primeiro grau, os alunos conquistam, algumas vezes, instrumentos de expressão oral e os professores usam o lúdico em sala de aula. Ao ingressar no segundo grau, imaginam que poderão dar curso mais livre à sua imaginação e criatividade. Mas, sentem-se frustrados por professores que insistem em dizer que não lhes interessa a poesia, mas o domínio de regras e discursam sobre o futuro, “para o futuro”, provocando a exclusão e o fracasso.

O estudo em vez de ser um processo de renovação da pessoa passa a ser uma tortura das inteligências. Acaba-se assim, via currículo quantitativo, com a felicidade no ato de aprender, porque obriga-se o aluno a aprender o que gosta e o que não gosta, o que é necessário e o absolutamente desnecessário, o atualizado e o desatualizado.

Outro fator excludente é a avaliação do desempenho escolar, tal como é feita pelos professores, redundando numa pressão incessante. A reprovação maciça protela o mal, não trata dele. Nesse caso, não é apenas o fracasso que é fabricado, mas também o descrédito.

Nós, educadores, só exploraremos a técnica da reprovação com conhecimento de causa, se reelaborarmos nossa própria prática profissional, questionando-nos e considerando a possibilidade de trabalhar de outro modo, de diversificar os métodos e agir de forma que o repetente não seja

apenas um produto de inquietação.

O trabalho de observação de nossos alunos ajuda a prevenir o fracasso e deve ser coletivo, reunindo docentes, administrativos, médicos, assistentes sociais, psicólogos, inspetores, família. É preciso, contudo, sermos cada vez mais vigilantes e cada vez menos espectadores curiosos.

No período que passam nas escolas, os jovens reinventam todo o mundo, o destino, a aventura humana e os professores devem fazer com que essa *re-invenção* se realize de forma menos dolorosa. Para isso, o professor deve esquecer-se de que é *ensinante* de alguma disciplina para tornar-se o acompanhante de pessoas em movimentos variados da vida.

Faz-se necessário repensar o processo educacional, analisar os conteúdos e objetivos traçados, estabelecer um tempo flexível para que se aprenda. É preciso considerar o aluno como uma pessoa inteira, com sua afetividade, suas percepções, seus sentidos, sua crítica e sua criatividade.

A escola deve preparar para a vida e não para o mero acúmulo de informações. Não devemos formar alunos que sabem para “fazer prova”, decoram para “passar em testes”, aprendem “macetes” para dar conta de processos mais complexos. O professor deve ser aberto, inquieto, mais ligado à realidade, integrando a educação ao espaço vivificante do meio, ajudando o aluno a construir sua própria visão de mundo. Uma postura estática é a garantia do não crescimento daquele a quem se propõe educar.

O currículo de uma escola “viva” deve ter duas características fundamentais: *atualidade e utilidade*. As atividades devem ter como objetivo o desenvolvimento da criatividade e do raciocínio, havendo trabalho em equipes e organização de programas de leituras, visitas, relatórios,

observação e movimento. O currículo deve emancipar e não apenas dogmatizar, passar informações.

A escola ideal faz com que o aluno aprenda a conhecer, fazer, viver junto e, principalmente, a ser.

Como diz Paulo Freire: “Educar é impregnar de sentido todas as nossas ações cotidianas.”

O professor é o único que tem o poder de garantir a qualidade de ensino, recriando o sabor do estudar e do aprender.

A felicidade é um referencial de competência da escola.

Por que, então, não propor uma educação que dê mais prazer ? Por que não propor aos nossos alunos uma pedagogia da alegria?

## Referências Bibliográficas

- [1]GENTZBITTEL, Marguerite. A causa dos alunos. São Paulo : Summus Editorial, 1998.
- [2]WERNEC, Hamilton. Se a boa escola é a que reprova, o bom hospital é o que mata. Rio de Janeiro : DP&A , 1998.